

## **Cronotopias do lar: reflexões sobre crianças que se mudam**

## **Chronotopes of a home: reflections on children who move**

*Caroline Trapp de Queiroz* é Doutoranda e mestra pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd-UERJ) com bolsa FAPERJ.

Contato: trapp.queiroz@gmail.com

### **Resumo**

Este artigo coloca em discussão as significações do espaço da casa a partir do movimento realizado por duas crianças que, simultaneamente, viveram o processo de mudança de residência. Para ler o encontro entre Elis e Antônia na casa da qual a primeira está saindo e para a qual a segunda está chegando, e que, por isso mesmo, guarda em um só tom a potencialidade e a memória, a promessa e a gratidão, o futuro e o passado, convocam-se o conceito bakhtiniano de cronotopo e a figura poética do deus romano Jano, ambos relacionados à unidade constituída no entrelaçamento das dimensões do tempo e do espaço. Assim, o cronotopo do quarto figura como enfoque da “visibilidade do tempo”, que no encontro das duas meninas significam um mesmo espaço a partir de referenciais temporais distintos.

Palavras-chave: Mudança de residência. Infância. Cronotopo.

### **Abstract**

This paper discusses the meaning of the space of a house from the moving of two children who simultaneously lived the process of moving house. To observe this meeting between Elis and Antonia in the house from which the first is leaving, and for which the second is coming – and that, for this very reason, keeps, at the same time, potentiality and memory, promise and gratitude, future and past –



we summon the Bakhtinian concept of chronotope and the poetic figure of the Roman god Janus, both related to the unity constituted in the interweaving dimensions of time and space. Thus the “bedroom chronotope” figures as a perspective of the “visibility of time”, which, in the encounter of these two girls, means the same space from different time frames.

Keywords: Residence changing. Childhood. Chronotope.

## Quando a gente muda

### O mundo muda com a gente<sup>1</sup>

A mudança faz parte da constituição do que somos hoje, porque mudamos desde que nos tornamos eminentemente humanos. Até o período Neolítico, que marcou a transição de modos de vida nômades para o processo de sedentarização do *Homo sapiens*, o deslocamento era fator imprescindível para a prática da caça e da coleta. Ainda que a sedentarização tenha sido crucial para a formação das primeiras cidades, as mudanças permaneceram fazendo parte de nossa história, seja devido à busca por melhores condições para a agricultura, a pesca, a moradia, seja devido à procura de emprego e renda, no caso das sociedades modernas e contemporâneas, seja em decorrência de conflitos políticos, sociais, familiares, ambientais etc. Ou mesmo pelo simples desejo do novo.

Independentemente dos motivos que levem à mudança, uma questão é fundamental de se ter em vista: não são braços, enxadas e foices que migram de um lado para o outro; são seres humanos, com expectativas, aspirações, desejos e ambições específicas, que serão atingidas ou não nessa mudança. Mudar, portanto, não é apenas ir de um lugar para o outro, mas levar consigo o solo de onde se vem, as relações tecidas ali, os afetos construídos, os significados partilhados... e, da mesma forma, projetar a vida sob um novo horizonte, adornado pelo medo do desconhecido, que à especificidade da infância é traduzido pelo receio quanto aos tais “novos amiguinhos”, o medo de ingressar numa outra escola, de não ser aceito pelos colegas. Mudar é um constante repensar sobre quem sou eu “aqui” e “agora”, e sobre o que faz sentido no contínuo movimento de repensar e reconstruir essa identidade.

Essa dimensão de humanidade ajuda a dar rosto aos números que os jornais despejam sobre nós diariamente quanto à migração,

1. Composição do músico Gabriel, o Pensador.



ainda mais em tempos de intenso fluxo de pessoas em situação de refúgio, pois desnuda que, por traz de cada cifra, há uma história que precisa ser contada. Preocupar-se, portanto, somente com os mecanismos de atração e repulsão e com a dimensão econômica na leitura desses deslocamentos é como tentar observar o mundo como se se tratasse de um jogo de tabuleiro, no qual as peças se movem de casa em casa sem muita singularidade. Ainda que estejamos falando de mudança, no final estamos mesmo falando sobre sujeitos, suas esperanças e os modos como eles lidam com as contingências da vida.

É balizado por esse conceito de mudança como acontecimento, que fundamenta a história da humanidade, de modo geral, e que se constitui nas diferentes experiências de vida das pessoas, em específico, que este artigo pretende colocar em discussão as significações e ressignificações do espaço da “casa”, a partir de um movimento realizado por duas crianças que, simultaneamente, viveram processos de mudança de residência. A história dessas meninas se toca na vida, porque elas constroem uma relação de amizade já há alguns anos, e também em relação ao espaço dessa casa, porque, nesse momento, uma está dela saindo e a outra está chegando. Assim, enquanto uma a denomina “a antiga”, para a outra, ela representa na verdade “a nova”.

É justamente provocada por esse jogo linguístico que brinca com a categoria de tempo, nas suas dimensões de passado e futuro, que pude perceber o espaço da casa, e mais especificamente do quarto – onde o episódio aqui abordado ganha vida – como um cronotopo, conceito que o filósofo da linguagem Bakhtin (2014) cria, no interior das análises que faz sobre os diferentes gêneros literários, para falar da indissociabilidade entre tempo e espaço. Esse imbricamento ganha sentido, no entanto, justamente porque se constitui nas relações e experiências que vivem os sujeitos que nesse contexto se encontram.

### **Em casa de menino de rua**

### **O último a dormir apaga lua<sup>2</sup>**

Como vimos, desde que o ser humano tornou-se humano, passou a empreender a busca por um tempo e espaço em que pudesse abrigar o seu ser – físico, cognitivo e sensível. De lá para cá, habitamos cavernas, cabanas, barracos, carros, cabeças de porco, bancos de praça, calçadas... A esses contextos todos, talvez menos formais que emocionais, em que construímos histórias e

2. Composição do músico Criolo.



tecemos memórias, chamamos de casa. Assim, percebemos que “a ontologia da casa está diretamente relacionada com a ontologia do ser. Ambos os conceitos projetam entre si uma relação de causa-efeito, que é alimentada pelo conceito de habitar” (GOMES, 2009, p. 19). Daí a dificuldade em conceituar esse lócus, uma vez que os sentidos a ele atribuídos partem de questões mais sensíveis – demarcando a materialidade da vida – que ideais ou idealizadas.

A noção de casa, de modo geral relacionada às ideias de habitação, morada e vivenda, se torna ampla e complexa precisamente porque os modos de ser e estar nesse espaço são diferentes e muito variados. Há, inclusive, na composição semântica distinções que, nas línguas de origem anglo-saxônicas, por exemplo, contrapõem os termos casa e lar, sendo o primeiro uma noção material e física, e o segundo o conjunto de laços afetivos constituídos no espaço da habitação (GARCEZ, 2014, p. 25).

Para além dessa diferenciação, é interessante notar em relação à palavra “lar”, que dá título a este artigo, a compreensão de que sua origem etimológica se relaciona à lareira. Do latim *lār*, *lāris* no plural, que significa a parte da habitação onde se acende o fogo, a palavra lar está, então, ligada aos sentidos do compartilhamento de histórias, memórias e da tessitura de laços e afetos, experienciados desde o princípio da trajetória humana sobre a terra ao redor do fogo. Assim, do encantamento das chamas à necessária cocção dos alimentos, passando pelo tempo e espaço da criação dos mitos e da perpetuação das tradições, o lar como expressão diretamente atrelada ao elemento simbólico do fogo guarda em si a potência da origem da casa e do homem social (VITRÚVIO, 2006).

Seguindo os fios e as tramas da história, a casa se constitui como componente fundamental do processo de urbanização, este que incide sobre a transição do nomadismo para a vida sedentária do ser humano e para a consequente estruturação da vida em sociedade. Assim, “a casa, além de ter sido a primeira célula da cidade, foi também o primeiro recurso civilizacional que o homem soube construir” (OLIVEIRA; SEIXAS; FARIA, 2013). Espaço intimista onde começamos a aprender a conviver com o outro e, portanto, com o “todo” filosófico do social – mas que guarda também o sentido de um espaço no qual, paradoxalmente, muitas vezes buscamos reclusão, justamente no intuito de fugir da multidão.

Neste artigo, a casa é compreendida como o contexto, esse tempo e espaço, que constitui nosso primeiro universo, real e simbólico, ou seja, que borda na materialidade da vida os sentidos



e as alegorias que construímos para significar o que nos cerca (GARCEZ, 2014). A casa figura, portanto, como o espaço que nos acolhe – e que acolhemos de volta, porque nele nos reconhecemos –, sendo essa acolhida física e material, mas também emocional e sensível. Justamente por isso, “a existência do homem não pode prescindir da cabana, gruta ou casa” (LINO, 1990, p. 56), tenha ela o formato que for. A casa, assim, é o “núcleo do nosso espaço físico, não como coisa, mas como morada” (RODRIGUES, 2016), é o “lugar praticado” (CERTEAU, 2012), “nossa expressão no espaço e no tempo” (RODRIGUES, 2016), em suma, “nosso primeiro mundo” (BACHELARD, 2008).

A casa também nos diz quem somos. O exercício de morar é o exercício de criar um novo universo, e de ser por ele (re)criado. É nesse movimento de construção ontológica que se situa a história de Antônia e Elis, duas amigas de 10 e 7 anos de idade, respectivamente, que empreendem o movimento da mudança de casa. Uma mesma casa. Nela, Antônia está chegando. Planos, projetos, a potência e a promessa do porvir. Dela, Elis está partindo. Memórias, marcas, a gratidão e a nostalgia pelo que passou. Num mesmo dia, nessa casa vazia, um encontro se dá. Futuro e passado se materializam no quarto. Um espaço que, na furtividade do acaso, súbito relampeja a visibilidade do tempo. Só enxergou quem estava olhando...

### **Notas sobre a pesquisa**

Chamar atenção à importância de olhar para poder ver o que se passa é abrir, neste texto, a possibilidade de pensar o lugar que ocupo no enredo narrado até aqui: o de pesquisadora (da infância). Para essa nova trajetória que inicio no doutorado, me movo em direção à pesquisa do cotidiano, muito provocada pelas questões levantadas no Grupo de Pesquisa “Infância e Cultura Contemporânea”, orientado por Rita Ribes Pereira e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que tem como premissa atual pensar metodologias de pesquisa com crianças que pressuponham deixar-se afetar pelos modos como a infância nos captura o olhar na dinâmica da vida.

Esse desafio tem nos deslocado, enquanto pesquisadores, a um movimento de investigação menos propositivo e mais sensível ao que a experiência de estar dividindo o mundo com as crianças nos convoca a pensar. Isso significa dizer que, em lugar de formular questões e preparar um tempo e espaço específicos

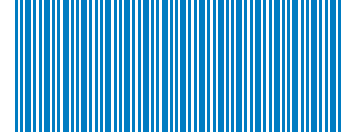


para a realização de uma pesquisa no momento que antecede a chegada dos interlocutores ao campo, começamos a ensaiar um movimento de experimentar o fluir da vida, apostando na potência da observação quanto ao que as experiências cotidianas vão nos apresentando. Assim, de repente, uma criança nos provoca a refletir sobre a crise do Estado do Rio de Janeiro e a vulnerabilidade da infância pobre ao ser impedida de entrar no ônibus pelo motorista, que alega inválida a leitura do passe de estudante no leitor do coletivo.

Nesse movimento de pesquisa, a vida está acontecendo e é você, enquanto pesquisador, que chega e se insere naquilo que passa a chamar de campo, mas que os interlocutores, no caso as crianças, seguem chamando de vida, de cotidiano, de experiência. Diante dessa escolha por uma pesquisa menos propositiva e mais observativa, muitos desafios vão se descortinando, na corrente de quem pensa outros modos de movimentar as decisões metodológicas, tais como: Como acessar esse tempo e espaço tão íntimos, estar na casa da criança, sem que minha presença atue de forma interventora ou mesmo incomodativa? Como atrelar a interlocução, necessária, com a criança nesse processo à observação de seus movimentos, de seus afetos? Como encontrar o equilíbrio entre o que existe para ser observado e o que necessita de uma construção narrativa, de uma troca dialogada?

Esses questionamentos se potencializam, na dinâmica da vida e no interior da minha pesquisa, quando surge a primeira possibilidade de estar em campo, para participar do processo de mudança de casa uma menina de 10 anos, a Antônia, filha de uma amiga. Seguindo o fluxo dessas reflexões sobre outras formas de se deslocar, física e sensivelmente, na pesquisa com crianças, fui até a cidade de Antônia, com muitas dúvidas na cabeça, mas sem gravadores nas mãos, no intuito de ajudar na mudança e observar o que se apresentava como acontecimento para mim na relação dessa menina com a experiência que vivia.

A despeito das tantas questões que a entrada no campo me possibilitou pensar – entrada cujo movimento foi empreendido por mim e não por minha interlocutora, que viveria a experiência da mudança independente da minha presença nela –, o foco para a presente discussão é o encontro que presenciei entre Antônia e Elis no quarto de uma casa vazia: casa na qual a primeira chegava e da qual a segunda saía. Esse acontecimento, único e irrepitível por essência – já que nada ocorre duas vezes –, mas também único e irrepitível pelas especificidades do curso da vida – considerando a probabilidade de presenciar algo assim novamente –, me permitiu



testemunhar quase que o traçar de uma arquitetura material do tempo a partir dos diálogos, movimentos e gestos que iam desenhando os sentidos que as meninas compunham no interior desse espaço. A esse imponderável atribuo o conceito bakhtiniano já apresentado de cronotopo como potência de leitura para a compreensão dos significados ali mobilizados.

### **O cronotopo do quarto**

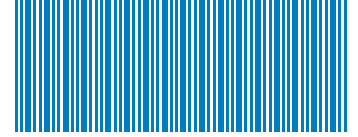
Conforme já pincelei anteriormente, o espaço da casa, “que vem ao mundo, não quando se termina de edificá-la, mas quando se passa a habitá-la” (VALLEJO *apud* RIBA, 2008, p. 12), e mais especificamente o contexto do quarto, de onde nascem as questões trazidas neste artigo, figura para mim como um cronotopo. Entrelaçando as dimensões do tempo e do espaço, o filósofo da linguagem Bakhtin realiza a leitura de diferentes obras literárias, empreendendo o cronotopo como uma perspectiva de visada que permite compreender as histórias narradas a partir de outro lugar, de um lugar de efetivo deslocamento, já que é “no cronotopo que os nós do enredo são feitos e desfeitos. Pode-se dizer francamente que a eles pertence o significado principal gerador do enredo” (BAKHTIN, 2014, p. 355).

É interessante notar que, para além do caráter dinâmico do cronotopo como movimento potencializador de percepções outras, em si, o próprio cronotopo se apresenta também como mudança, como metamorfose. Essa noção de transformação é expressa por Bakhtin (2011, p. 255) no artigo sobre as obras de Goethe, romancista e filósofo alemão:

A capacidade de ver o tempo no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado de uma vez por todas mas como um todo em formação, como acontecimento; é a capacidade de ler os indícios do curso do tempo em tudo, começando pela natureza e terminando pelas regras e ideias humanas (até conceitos abstratos).

Bakhtin explica como essa capacidade atrela tempo e espaço na medida em que fala do modo como Goethe cria suas obras. Quando está em determinado espaço, olhando para uma montanha, por exemplo, Goethe tenta apreender os tempos que aquele espaço viveu. Quem passou por lá, o que aconteceu, que momentos esse espaço compartilhou, o que ficou marcado... mas, da mesma forma, o que não ficou marcado, o que não deixou vestígios, mas que foi, ainda assim, vivido. Pois bem, o cronotopo constitui uma





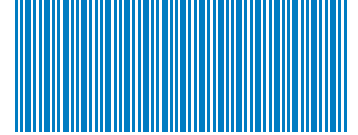
forma de entender o tempo e o espaço a partir da ideia de que um existe no outro, e vice-versa. É enxergar os espaços no tempo, mas também o tempo nos espaços.

No enredo que leio como o “cronotopo do quarto”, Antônia planeja a organização do seu quarto. O lugar onde vai dispor a cama, os livros de literatura e a escrivaninha, abaixo da janela, para estudar olhando a paisagem, composta por enormes árvores de folhas largas, troncos grossos e habitadas por micos que sacolejam suas copas o dia inteiro. Ao mesmo tempo que visualizamos o espaço em sua configuração futura, Elis investiga os frisos do piso, como quem busca pequenos indícios que permitam reconstruir a história do quarto. Reunindo algumas lantejoulas coloridas, ela vai nos contando que aquelas minúsculas estrelinhas eram de um painel que costumava ficar pregado na parede paralela à da janela. Imediatamente, ela começa a desenhar em sua narrativa o passado que aquele quarto viveu: onde ficavam suas coisas, como havia ajudado a mãe a escolher a cortina, o que provocara o risco vermelho marcado na parede... até encontrar um botão roxo, que havia caído de seu casaco na mudança, com o qual se retira dali, no intuito de mostrar para a mãe. Finda o cronotopo do quarto.

É justamente na interseção dos tempos, que vão significando o espaço da casa e, mais especificamente, do quarto, que compreendo esse cronotopo e, nesse sentido, um desvio à mitologia romana pode tornar mais concreta essa tessitura. Os romanos têm um deus das mudanças e das transições chamado Jano – em latim, *Janus*. A figura desse deus é composta por duas faces opostas, uma voltada para frente e outra para trás. Jano é o deus dos inícios e dos términos, um deus que olha para o futuro e para o passado. Mas, sobretudo, Jano é um deus que, quando visto, é olhado sob a perspectiva do presente de quem lhe observa.

É esse movimento que identifico no enfoque do cronotopo do quarto. Cada uma das meninas me apresenta sua respectiva face de Jano. Antônia me fala do quarto que será. Elis, do quarto que já foi. Nesse contexto, cada uma delas está significando a casa a partir de afetos postos, uma na expectativa, a outra na memória. Eu me encontro nessa conjuntura como a única pessoa que olha o quarto no seu presente e, assim, me permito observar o deus Jano de perto, na fração de poucos minutos... até que suas faces se dispersam. Passado, presente e futuro num espaço significado exclusivamente por esse encontro. O entrecruzamento como possibilidade única de existência. A potência da observação na pesquisa com crianças.





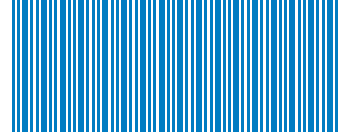
## Considerações inconclusivas

Somos uma sociedade que faz planos. Planejamos a rotina diária, a ida ao supermercado, o programa do fim de semana, a chegada de filhos, a compra do carro e, em tempos de extrapolação do capitalismo, até mesmo a recepção do nosso próprio velório. Na pesquisa em Ciências Humanas não é diferente. Planejamos, dentre tantas coisas, um lócus que nos permita controlar as diversas variáveis postas no acontecimento do campo empírico, formas de registro e organização desses dispositivos que otimizem a cobertura desse acontecimento, atividades ou questões disparadoras e que estimulem a interlocução.

Na contramão desse movimento, as pesquisas do cotidiano vêm nos dizendo de uma outra inserção no mundo, que nos convida a pensar a importância de uma sensibilidade das emergências. Ou seja, de estar atento ao que acontece “no meio do caminho” e que, por algum motivo, captura nosso olhar. O que inquieta, gera dúvida, apreensão, incerteza e, por isso mesmo, abre possibilidades de reflexão, compreensão e construção de conhecimento.

Entendo que a opção por uma pesquisa menos propositiva e mais observativa – junto da ruminância quanto a reflexões levantadas no interior do grupo de pesquisas e da abertura a novas experimentações de escuta, sensibilidade e atenção – tenha sido crucial no erigir das condições de um tempo e espaço propícios como nascedouro da pesquisa de doutorado à qual me lanço e da qual este texto constitui um primeiro alinhavo. Da mesma forma, entendo esse deslocamento – teórico, afetivo, material e empírico –, empreendido como um ato pelo qual respondo na ética que demarca meu lugar de pesquisadora da infância, como movimento responsável pela possibilidade que me foi aberta, na dinâmica da vida, de contemplar a existência de Jano no cronotopo do quarto. Qualquer outra decisão, provavelmente, teria me furtado dessa experiência. E é precisamente esse caráter de ineditismo, imponderável e exclusivismo que marca a pesquisa do cotidiano.

Este artigo tem início, portanto, no passeio pelos conceitos de mudança e casa, como balizadores do tempo e espaço em que a análise feita se situa – o tempo da mudança e o espaço da casa –, passando pela reflexão sobre como os pressupostos teórico-metodológicos desta pesquisa vão se estruturando, na interlocução das discussões de infância, cultura e cotidiano, para confluir nas significações construídas por Antônia e Elis, significações que se situam no âmbito das formas possíveis de



uma visibilidade do tempo, no espaço do quarto. É precisamente no momento da narrativa escrita desse encontro que a história de Jano se apresenta como chave de compreensão do entrecruzamento das cronotopias ali existentes, nos permitindo perceber que a poética da ciência emerge na corrente da vida. O decurso narrativo construído culmina, no entanto, na convocação de um – sempre importante – movimento de (re)pensar, ética e esteticamente, nosso ato: O que queremos fazer existir a partir do que comunicamos para o mundo com as nossas pesquisas?

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Coleção Tópicos, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*. São Paulo: Editora Hucitec, 2014.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

GARCEZ, José Manuel dos Santos. *A casa e a forma: estudos sobre os modos de implantação e composição morfológica das habitações unifamiliares em Portugal Continental (2002-2012)*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2014.

GOMES, Patricia. *As constantes e variáveis da casa do emocional ao formal: a forma primitiva, a contemporaneidade e a (eco)sustentabilidade*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009.

LINO, R. *Casas portuguesas: alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples*. Lisboa: Edições Cotovia, 1990.



OLIVEIRA, Avelino; SEIXAS, Paulo Castro; FARIA, Luís Pinto. A casa e as suas casas. *Temáticas*, Campinas, n. 21 (42): 141-163, ago./dez., 2013.

RIBA, Lidia María (Org.). *Desejo-lhe feliz mudança!* São Paulo: Vergara & Riba, 2008.

RODRIGUES, Susana Cristina Caleiro. O fogo como centro e símbolo da casa. *Revista eletrônica de Arquitetura e Urbanismo*, arq. urb, n. 15, 2016.

VITRÚVIO. *Tratado de Architectura*. Lisboa: Ist Press, 2006.

Recebido: 18/08/2017

Revisto: 12/10/2017

Aceito: 19/10/2017

